



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

Não vou deixar a Monografia para depois! Vai que eu atraso?

Uma análise centrada no uso da construção *[[Vai que] (S) V]*

JUAN LIMA DE PAULA

RIO DE JANEIRO

2024

JUAN LIMA DE PAULA

Não vou deixar a Monografia para depois! Vai que eu atraso?

Uma análise centrada no uso da construção *[[Vai que] (S) V]*

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Letras – Português e Francês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Maura da Conceição Cezario

Coorientadora: Doutoranda Leyla Ely

RIO DE JANEIRO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JUAN LIMA DE PAULA

DRE: 12003815

Não vou deixar a Monografia para depois! Vai que eu atraso?

Uma análise centrada no uso da construção *[[Vai que] (S) V]*

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Letras – Português e Francês.

Data de avaliação: 22/04/2024

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MARIA MAURA DA CONCEICAO CEZARIO
Data: 22/04/2024 10:42:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

NOTA: 10

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Maura da Conceição Cezario - UFRJ



NOTA: 10

Coorientador: Doutoranda Leyla Ely - UFRJ

Documento assinado digitalmente
 BRUNA DAS GRACAS SOARES
Data: 23/04/2024 13:14:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

NOTA: 10

Leitor Crítico: Dr^ª. Bruna das Graças Soares - UFRJ

MÉDIA: 10

Assinaturas dos avaliadores:

Documento assinado digitalmente
 MARIA MAURA DA CONCEICAO CEZARIO
Data: 22/04/2024 10:42:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Documento assinado digitalmente
 BRUNA DAS GRACAS SOARES
Data: 23/04/2024 13:14:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à minha família, em especial minha mãe, meus avós e minha madrinha Érica, que sempre confiaram no meu esforço e me incentivaram a continuar buscando pelo conhecimento. Um grande obrigado por estarem comigo e torcerem pelo melhor.

À Livia Sheila, minha conselheira de muitos momentos. Uma das minhas maiores amigas e incentivadoras dos meus sonhos. Este trabalho concretiza a realização de um sonho dela também. Obrigado por acompanhar toda minha trajetória acadêmica, como também a que aconteceu fora dela.

Aos meus amigos do coração, que foram tão importantes para mim durante essa caminhada e ofereceram suporte em todos os momentos. Espero estar aqui para ver a realização dos objetivos de vocês, obrigado por segurarem minha mão.

Aos meus professores, todos que passaram por mim contribuíram para a construção do que tenho e sou hoje. Obrigado por mostrar que a educação pode ser libertadora.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Maura da Conceição Cezario, por ter sido responsável pelo meu primeiro contato com a linguística e por me aceitar como aluno de iniciação científica em seu núcleo de pesquisa. Agradeço por toda oportunidade que me foi oferecida e pela confiança que foi depositada em mim durante todo meu caminho como bolsista e discente.

Ao grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G UFRJ) por todo suporte, reuniões, disciplinas, discussões, reflexões, risadas e momentos compartilhados dentro da sala H314. Certamente vocês foram peças fundamentais para meu desenvolvimento enquanto pesquisador de linguística.

À minha coorientadora Leyla Ely por todo suporte que me foi dado, seja como aluno de IC, seja como amigo próximo. Agradeço pelos incentivos e puxões de orelha durante todo período que pude ser seu orientando. Espero poder continuar pesquisando ao seu lado.

Ao meu amor, o mais terno obrigado. Você me faz querer ser melhor a cada dia. *“Suas palavras e risadas. Elas têm grandes significados para mim. Até mesmo seus olhares mais pequenos. Até mesmo suas costas solitárias são uma promessa difícil. Para mim.”*

RESUMO

PAULA, Juan Lima. **Não vou deixar a Monografia para depois! Vai que eu atraso? Uma análise centrada no uso da construção *[[Vai que] (S) V]*** (Graduação em Letras: Português/Francês), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Este estudo refere-se à análise da construção *[[Vai que] (S) V]*, no português brasileiro contemporâneo. Por sua vez, essa pesquisa foi guiada pelos pressupostos teóricos da *Linguística Funcional Centrada no Uso*, que concebe a gramática como uma rede de construções linguísticas, pautando suas análises nos objetos linguísticos realizados durante a interação e comunicação real dos falantes de uma língua. Por meio da metodologia quantitativa e qualitativa, foram analisados dados escritos com a construção *[[Vai que] (S) V]* do *Corpus do Português* (aba Web/Dialetos e aba Now) e da rede social *Twitter/X*. Essa análise mostrou que há usos mais idiomatizados, que aparecem por conta da frequência de uso e da singularidade dos verbos que ocupam o *slot* de V, os quais geralmente não admitem sujeito expresso e tampouco objeto (isto é, *[Vai que V]*, como em *Vai que cola*, *Vai que rola* e *Vai que dá*). Outros usos mais livres fazem parte da construção *[[Vai que] (S) V]*, não idiomática. Todavia, *Vai que* em ambos os casos refere-se a operadores argumentativos que expressam modalidade epistêmica.

Palavras-chave: Construção *Vai que*. Construção *Vai que (S) V*. Linguística Funcional Centrada no Uso. Operadores argumentativos. Marcadores epistêmicos.

ABSTRACT

This study analyzes the *[[Vai que] (S) V]* construction in contemporary Brazilian Portuguese. In turn, this research was guided by the theoretical assumptions of *Usage-Based Linguistics*, which conceives grammar as a network of linguistic constructions, basing its analysis on the linguistic objects produced during the actual interaction and communication of the speakers of a language. The quantitative and qualitative methodology was used to analyze written data with the *[[Vai que] (S) V]* construction from *The Portuguese Corpus* (Web/Dialects tab and Now tab) and the *Twitter/X* social network. This analysis showed that there are more idiomatized uses, which appear due to the frequency of use and the singularity of the verbs that occupy the *V slot*, which generally do not admit an expressed subject or object (i.e. *[Vai que V]*, as in *Vai que cola*, *Vai que rola* and *Vai que dá*). Other free uses are part of the non-idiomatic *[[Vai que] (S) V]* construction. However, *Vai que* in both cases refers to argumentative operators that express the epistemic modality.

Keywords: *Vai que* construction. *Vai que (S) V* construction. Usage-Based Linguistics. Argumentative operators. Epistemic markers.

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Ocorrência <i>token</i> dos <i>types</i> <i>[[Vai que] (S) V]</i> e <i>[Vai que V]</i>	23
Gráfico 2 - Modo Verbal de <i>Vai que (S) V</i>	24
Gráfico 3 - Valor temporal do verbo de <i>Vai que (S) V</i>	25
Gráfico 4 - Ordem frásica	26
Gráfico 5 - Tipo de sujeito de <i>Vai que (S) V</i>	27
Gráfico 6 - Tipo de frase de <i>Vai que (S) V</i>	28
Gráfico 7 - Avaliação do falante sobre a situação	29
Gráfico 8 - Cruzamento: Avaliação do Falante x Tipo de Frase	30
Gráfico 9 - Postura Epistêmica em <i>Vai que (S) V</i>	32
Gráfico 10 - Cruzamento: Postura Epistêmica x Avaliação do Falante	32

Lista de figuras

Figura 1 - Graus de idiomaticidade entre <i>[[Vai que] (S) V]</i> e <i>[Vai que V]</i>	33
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	4
2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso	4
2.2. Teoria dos Espaços Mentais	6
3. ESTADO DA ARTE	9
4. METODOLOGIA	14
5. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO <i>VAI QUE (S) V</i>	17
5.1. A construção idiomática [<i>Vai que V</i>]: os casos de <i>Vai que cola, rola e dá</i>	17
5.2. A construção [[<i>Vai que</i>] (S) V]	19
5.3. Resultados quantitativos	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à análise das construções *[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]*¹, por meio do arcabouço teórico previsto na *Linguística Funcional Centrada no Uso* (doravante LFCU). A LFCU propõe que a gramática das línguas é uma representação cognitiva e constitui sistema mutável, dinâmico e criativo, podendo ser moldado de acordo com as necessidades cognitiva e/ou comunicativa do falante (Tomasello, 1998). Essa corrente linguística entende a construção como unidade básica, definida como pareamento simbólico de forma e função (Goldberg, 1995), e que se conceptualiza na mente do falante por meio de contextos reais de comunicação.

Em termos de construção, uma ocorrência que chama atenção por sua significativa frequência, tanto na fala, quanto na escrita do Português Brasileiro contemporâneo (PB), é *Vai que*, como nos exemplos a seguir:

(01) O ideal é começar a lavar as roupas do bebê a partir do sétimo mês de gravidez, para evitar surpresas, **vai que a criança nasce** e ainda não está tudo arrumadinho. (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(02) Em Congonhas ouvindo o tempo todo “voo tal com destino a Brasília” tô quase embarcando em qualquer um por engano **vai que cola** (*Twitter/X*, 2023, grifo nosso).

Nas ocorrências acima, *Vai que* introduz hipótese: em (01), o bebê nascer antes do previsto; e (02), embarcar em um voo aleatório propositalmente. Outrossim, nos exemplos (01) e (02), têm-se orações insubordinada² (Hirata-Vale; Peres De Oliveira; Da Silva, 2017 e Rodrigues; Baroni, 2021), em que *Vai que* retoma o assunto abordado previamente e apresenta uma projeção futura³, que pode ser realizada se o falante decidir entrar num voo que não o seu ou se o bebê nascer prematuramente, respectivamente.

Apesar de *Vai que* funcionar como operador em todos os dados acima, consideramos que (01) e (02) constituem-se como construções distintas no PB. Nossa linha de raciocínio recai sobre a ideia de que as ocorrências estariam ligadas ao esquema *Vai que (S) V*, em que, num primeiro momento, a marcação de sujeito não é obrigatória (mas, pode ocorrer) e há ausência de objeto explícito (*[[Vai que] (S) V]*). Entretanto, consideramos o exemplo (02) um

¹ No trabalho, *[[Vai que] (S) V]* sem colchetes representa ambas as construções.

² Para Hirata-Vale, Peres De Oliveira e Da Silva as orações insubordinadas: “[...] apresentam algumas características de uma oração subordinada, mas não se comportam como tal, no sentido de que elas parecem sintática, semântica e pragmaticamente completas.” (Hirata-Vale; Peres De Oliveira; Da Silva 2017, p. 31).

³ A relação entre a construção *Vai que* e a projeção futura será abordada nas próximas seções.

novo pareamento forma-função, representado por: [*Vai que V*], em que há ausência de sujeito e objeto.

Nesse viés, seguimos o pressuposto de que tais construções vinculam-se tangencialmente ao domínio condicional (Longhin-Thomazi, 2010; Neves, 2011; Ely & Cezario, 2023), encontrando-se afastadas sintática e semanticamente da estrutura prototípica⁴ (*Se p, então q*). Neste sentido, consideramos que *Vai que (S) V* admite apenas construções independentes sintaticamente, estabelecendo sentido epistêmico de possibilidade ou dúvida, a depender das intenções do falante, bem como da compreensão sociocomunicativa entre ele e o interlocutor. Outrossim, por levar em conta a crença (ou expectativa) do locutor, *vai que* funciona, em alguns casos, como protetor de face⁵ para a pessoa que emite a sentença.

Tendo isso em vista, esta pesquisa tem como objeto de estudo a construção *Vai que (S) V*, em que buscamos entender de forma quali-quantitativa os contextos em que ocorre, qual sua frequência de uso e quais outras microconstruções podem ser geradas a partir do *slot* de *V*. Ainda, investigamos três microconstruções específicas que pertencem ao subesquema [*Vai que V*], diferentes de [[*Vai que*] (*S*) *V*], com objetivo de mostrar as especificidades das construções e sua produtividade, sendo elas: *Vai que cola*, *Vai que rola* e *Vai que dá*. Para este trabalho, são utilizados como *corpora* os dados presentes no *Corpus do Português* (aba WEB/Dialetos e aba NOW) e na rede social *Twitter/X*⁶.

Por se tratar de uma construção que ainda não foi completamente descrita na literatura e sem distinção clara entre as microconstruções licenciadas por *Vai que*, surge, a partir da análise de *Vai que (S) V*, um problema relevante: como distinguir essa construção altamente produtiva de outros subesquemas licenciados por *Vai que* e quais são as propriedades de forma-função que caracterizam tais construções? Nossa hipótese é de que há uma escala de idiomatidade, onde [*Vai que V*] (*cola*, *rola* e *dá*) estaria localizada na área mais idiomatizada constituindo novos *chunks*, altamente idiomáticos, e distanciando-se, portanto, de usos menos ou não idiomatizados, inseridos em [[*Vai que*] (*S*) *V*].

Este trabalho está organizado em 6 seções, a começar pela Introdução, a qual já foi discutida. Na seção seguinte, será apresentado uma revisão da literatura sobre o modelo teórico que será utilizado ao longo de todo este texto. Posteriormente, trataremos das poucas pesquisas que já foram realizadas com a construção *Vai que* (até o momento deste trabalho) na

⁴ Longhin-Thomazi, 2010;

⁵ As questões relacionadas ao papel de protetor de face serão discutidas posteriormente, apoiado no que foi postulado por Ely & Cezario (2023a).

⁶ No ano de 2023, o CEO do *Twitter* (Elon Musk) modificou o nome da plataforma para *X*, porém os links ainda estão como domínio “twitter.com”. Por conta disso, neste trabalho serão utilizadas as duas nomenclaturas.

seção “Estado da Arte”. Ainda, na seção “Metodologia” será mostrado quais parâmetros foram utilizados para analisar os dados com a construção *Vai que (S) V*. Em sequência, a seção de análise dos dados será incumbida de detalhar as propriedades formais, pragmáticas e semânticas, além de descrever o subesquema que abarca *Vai que (S) V*. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, na última seção.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na presente seção é apresentada revisão das perspectivas teóricas e metodológicas, neste caso, a LFCU (Bybee, 1998, 2010; Goldberg, 2006; Goldberg, 1995; Barlow; Kemmer, 2000; Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014; Cezario; Furtado Da Cunha, 2013; Oliveira; Rosário, 2015; Martelotta, 2004; Tomasello, 1998) e a Teoria dos Espaços mentais (Sweetser; Fauconnier, 1996; Fauconnier, 1995; Ferrari, 2008; Dancygier; Sweetser, 2000), as quais norteiam este trabalho.

2.1. Linguística Funcional Centrada No Uso

A LFCU é uma perspectiva teórica que visa descrever e explicar a gramática da língua usada pelos indivíduos em suas interações comunicativas. Nesse sentido, a LFCU entende a gramática como o resultado da estruturação de elementos cognitivos e comunicativos do falante (Traugott, 2004). Portanto, entende-se que a gramática é moldada a partir de padrões regulares e de formas emergentes.

Este modelo teórico considera a construção como pareamento de forma e função (Bybee, 1998, 2010; Goldberg, 1995, 2006; Barlow; Kemmer, 2000; Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014), postulando que a representação das estruturas linguísticas ocorre por meio de esquemas cognitivos abstratos, nos quais esse conhecimento é adquirido e/ou modificado de acordo com as experiências socioculturais do falante. Dessa forma, ao usar uma categoria da língua, novas formas aparecem e se tornam comuns em uma comunidade (ou comunidades) de fala, fazendo com que esses mesmos padrões sejam mais produtivos na língua (Bybee, 2010). Um exemplo é o emprego da construção *ir + infinitivo* para expressar sentido de futuro⁷, em que o falante quer demonstrar progressão temporal (fugindo do seu sentido mais prototípico de deslocamento espacial, como em: “Eu vou até a porta”) ainda que seja um futuro próximo; esse fenômeno tornou-se frequente em diversas línguas, dentre elas o português, “Eu vou estudar linguística agora”, e o francês, “Je vais étudier la linguistique maintenant”, em que há uma progressão temporal e não espacial.

Além disso, a frequência de ocorrência é outro aspecto prezado pelas análises funcionalistas baseadas no uso, pois fortalece a representação dos elementos linguísticos na memória, facilitando o acesso, a ativação, o processamento e a consolidação – pelo falante –

⁷ Na seção “Estado da Arte” haverá um aprofundamento sobre a utilização do verbo *ir* como auxiliar temporal;

de algumas categorias linguísticas (Furtado da Cunha & Bispo, 2013, p. 60-61). Isso pode facilitar, a longo prazo, a organização do conhecimento linguístico do locutor/interlocutor e do funcionamento da língua (Diessel, 2017). A construção *Vai que*, por exemplo, demonstra alta produtividade dentro dos *corpora* que foram utilizados neste trabalho e, por isso, a repetida frequência de (re)produção faz com que essa construção se torne mais automatizada pelo falante do PB. Assim, esses novos usos levam a novos pareamentos de forma-significado, gerando *links*⁸ simbólicos diferentes na rede construcional esquemática.

Dentro deste paradigma, o modo como as línguas se estruturam, o modo como são usadas e as formas como se dão as mudanças são explicados por meio do funcionamento de diversos processos de domínio geral⁹, sendo os principais: categorização, analogia, memória rica, associação transmodal e *chunking*. Segundo Bybee (2010), a categorização envolve o processo de reconhecer palavras e frases e vinculá-las a representações pré-existentes na memória do falante, assim como os falantes distinguem (na biologia), por exemplo, mamíferos, répteis e aves; eles também o fazem associações e agrupamentos de representações comuns no sistema linguístico criando categorias como as que se encaixam em morfemas, fonemas, construções. Por sua vez, as formas linguísticas são representadas na memória por exemplos construídos a partir da experiência da linguagem, e quando novas expressões são criadas a partir de expressões de experiências anteriores, temos um processo de analogia, isto é, o falante reconhece e adota essa utilização inédita com a forma preservada anteriormente. Um exemplo é o uso da expressão “Chutar o balde” no PB: o locutor observa as correspondências semânticas e formais da língua (chutar algo, jogar algo para longe, se distanciar de algo), criando um padrão mais genérico (chutar = desistir ou se distanciar) a partir delas e utilizando esse padrão criado em novas sentenças com outros significados, como por exemplo: “Quanto mais o tempo passa, mais fica provado que o cachaceiro não foi eleito pelo povo. [...] Chutar o balde, ele já chutou há muito tempo. A vantagem dele é que sabe que pode qualquer coisa, o sistema o protege.” (*Twitter/X*, 2023). Ademais, memória enriquecida refere-se ao armazenamento mental de detalhes da experiência de linguagem, incluindo detalhes fonéticos de palavras e sentenças, contextos de uso, significados associados ao enunciado e inferências. Outrossim, a associação transmodal, como argumenta a autora, refere-se à capacidade dos usuários de fazer uma conexão construtiva, ou seja, fazer uma conexão entre a forma e o significado de uma determinada construção. Por fim, *Chunking* é

⁸ Traugott; Trousdale, 2013;

⁹ Na LFCU esses processos são considerados comuns às diversas áreas da cognição humana e não estão restritos à linguagem (Bybee, 2010).

uma forma de agrupar sequências de unidades que se combinam para formar unidades mais complexas, retomando o exemplo de *Vai que*, tem-se a união do verbo *ir* como auxiliar temporal com a conjunção *que*, gerando uma construção que possui um significado próprio, se tornando independente das palavras que a criaram (Ferrari, 2011, p. 130).

Tais mecanismos cognitivos

são ativados no uso da construção [Vai que]_{CONNECT}, que estabelece links de forma e função com a rede construcional de [X que]_{CONNECT}. De acordo com Cezario, Silva e Santos (2015), a construção [X que]_{CONNECT} vem ampliando sua produtividade e sua esquematização desde o português moderno, com a formação de microconstruções como sempre que, mesmo que e vai que. (Ely & Cezario, 2023a, p. 250).

Dessa forma, a frequência de ocorrência da construção *[[Vai que] (S) V]* possibilita a automatização¹⁰ da mesma por parte do falante/ouvinte (Diessel, 2014), tornando-se assim uma unidade de processamento no PB.

A seguir, discorreremos sobre o conceito de espaços mentais e como o construto analisado se encaixa na teoria.

2.2. Teoria dos Espaços Mentais

Para Fauconnier (1985; Sweetser & Fauconnier, 1996), os espaços mentais são construídos e modificados à medida que o pensamento e o discurso se desdobram, sendo ligados uns aos outros por vários tipos de mapeamento, em particular os de identidade e analogia. Ainda, nas hipóteses do autor, eles operam na memória de trabalho, mas são construídos em parte através da ativação de estruturas disponíveis na memória a longo prazo:

A dinâmica da construção do espaço mental e a vinculação do espaço são tecnicamente abstratas, mas conceitualmente simples. A ideia básica é que, à medida que pensamos e falamos, os espaços mentais são criados, estruturados e vinculados sob pressão da gramática, do contexto e da cultura. O efeito é a criação de uma rede de espaços pelos quais nos movemos à medida que o discurso se desenvolve. Como cada espaço deriva de outro espaço (seu "pai") e como um pai pode ter muitos descendentes, a rede espacial será uma rede bidimensional. (Sweetser & Fauconnier, 1996, p. 11. tradução nossa)¹¹.

A estrutura de um espaço mental é parcial e não abarca operadores lógicos, embora contenha estruturas e conceitos esquemáticos. Logo, os elementos espaciais se encaixam em

¹⁰ A automatização é um fenômeno cognitivo pelo qual uma sequência de elementos distintos é transformada em uma unidade de processamento (Diessel, 2014);

¹¹ “The dynamics of mental space construction and space linking are technically abstract, but conceptually straightforward. The basic idea is that, as we think and talk, mental spaces are set up, structured, and linked under pressure from grammar, context, and culture. The effect is to create a network of spaces through which we move as discourse unfolds. Because each space stems from another space (its "parent"), and because a parent can have many offspring, the space network will be a two-dimensional lattice.” (Sweetser & Fauconnier, 1996, p. 11).

modelos cognitivos que são importados do conhecimento prévio e, normalmente, elaborados localmente durante o discurso específico. Ainda, os elementos de estado podem ou não ter referências externas e, independentemente de terem ou não, os espaços estão ligados ao mundo pela presunção de que situações reais podem ser combinadas com configurações espaciais por seres humanos de forma sistemática. Dessa forma, as propriedades lógicas do pensamento decorrem das maneiras pelas quais os espaços são vinculados, em vez de pertencerem a um sistema matemático abstrato independente dos falantes. Por isso, elementos (incluindo funções baseadas em *frames*) têm contrapartes em espaços conectados, e a estrutura de um espaço está relacionada à estrutura de outro espaço (Sweetser & Fauconnier, 1996, p. 11-12).

De acordo com Dancygier e Sweetser (2000, p.116), as construções condicionais estariam alocadas em uma diferente classe de espaços mentais, em que os eventos e participantes são o falante, o ouvinte e o ato de fala com seu contexto interpretativo. Cabe aos integrantes da interação configurar as possibilidades do espaço criado pelo conteúdo linguístico utilizado na comunicação. Neste sentido, quando o falante/ouvinte organiza um *frame*¹², com base em elementos e relações de um espaço mental de seu próprio conhecimento, quer dizer que esse *frame* já está entrincheirado na memória do (inter)locutor, como em:

(03) Cheguei para o meu pai e contei minha triste história, alegando estar sem celular e que meu aniversário estava muito perto, quem sabe era sugestão de presente. Ele olhou pra mim, riu e certamente disse que não ia rolar o presente. Já esperava isso mas **vai que** colasse, né? (*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso).

No exemplo acima, quando o falante utiliza a construção *Vai que colasse* entende-se contextualmente que não se trata do uso prototípico do verbo colar, pois uma pessoa fluente no PB (não necessariamente nativo) tem convencionalizado que a construção *Vai que cola* se trata de uma forma idiomatizada e que o verbo *colar* se refere à correspondência ou não da expectativa do locutor (neste caso, ganhar um celular novo), ou seja, “colar” se torna algo que pode ou não se realizar. Dessa forma, a relação entre o uso e o significado da construção

¹² Termo que não possui uma tradução para o PB, o *frame* se trata de uma organização convencionalizada e esquematizada pelo falante de algum conhecimento de mundo, baseado em sua experiência (Fauconnier & Turner, 2002). Um exemplo são as “estruturas de eventos comerciais” (Fillmore, 1977): se o falante está numa conversa e alguém utiliza os verbos “vender”, “comprar”, “pagar” e etc, espera-se que seja evocado na mente do locutor e interlocutor os papéis de comprador, vendedor, troca de dinheiro, aquisição de bens (Schmid, 2020, p.69).

mostra-se internalizada, tanto no interlocutor, quanto no locutor, possibilitando a ativação do *frame* toda vez que se vê o subesquema *Vai que cola* (ou a construção mais geral *Vai que*).

É importante salientar que a construção estudada não se encontra no mesmo âmbito das estruturas condicionais mais prototípicas (*Se p, então q*), pois essas seriam condicionais ligadas a um evento de condição suficiente, como afirma Ferrari:

A prótase da condicional possibilita a introdução de um espaço mental P, que funciona como um operador sobre o discurso subsequente, e abre um domínio discursivo por enquadramento específico. Sweetser (1990) assinala que em condicionais do tipo “Se P, (então) Q”, o evento P é uma condição suficiente (e, em alguns casos, necessária) para a ocorrência do evento Q. Visto que as noções de necessidade e suficiência se relacionam semanticamente à noção de causalidade, pode-se concluir que as construções condicionais são projeções hipotéticas de manifestações causais diretas. (Ferrari, 2008, p. 121).

Nessa perspectiva, argumentamos que a construção *Vai que* se diferencia da construção *Se p, (então) Q*, pois ela seria um construtor de espaço¹³ que cria duas possibilidades a partir do espaço mental contrafactual, as quais coexistem ao mesmo tempo. Portanto, ao utilizar *Vai que* o falante assume que existe uma hipótese de que aquilo que ele propôs pode (ou não) se realizar. Isso ocorre principalmente quando o locutor não quer se comprometer, por exemplo:

(04) Ninguém dá atenção para esse assunto, mas a relação das pessoas com os seus livros é tão íntima quanto uma vida de casal. Há pormenores, traumas, manias. Há sutilezas, pânicos, bloqueios. Prefiro que mexam no meu queijo do que mexam nos meus livros. Eu hein, **vai que** dobram a pontinha da página. (*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso).

Em (04) a construção *Vai que* aparece em final de sentença, retomando o conteúdo apresentado pelo locutor (relação do leitor com seus livros) e trazendo uma hipótese que surge a partir do desconhecimento do falante em relação ao que pode acontecer com seus livros caso alguém os mexa. Dessa forma, ao utilizar “[...] vai que dobram a pontinha”, o locutor assume que não sabe se vão enrugam seu manuscrito, mas tem uma hipótese que é passível de realização. Nesse caso, observa-se os dois espaços mentais de possibilidade coexistindo: dobrarem a pontinha da página e/ou não dobrarem-a.

Por sua vez, antes de começar a análise propriamente dita, é necessário fazer uma breve retomada das pesquisas que já trataram (ou ainda tratam) do fenômeno *Vai que*. Dessa forma, a próxima seção – chamada “Estado da arte” – incubirá esse papel.

¹³ Space-builder (Fauconnier, 1995).

3. ESTADO DA ARTE

Pode-se observar que a construção *Vai que* é muito produtiva (seja em contextos de comunicação falada, seja em contextos escritos) no PB contemporâneo¹⁴. Entretanto, apesar da grande quantidade de enunciados que se utilizam dessa construção, poucas foram as pesquisas realizadas sobre esse tema. Dentre elas, é possível ressaltar três autores e suas contribuições que são de suma importância para a análise e compreensão dos papéis semânticos e sintáticos atribuídos à construção *Vai que*, os quais norteiam este trabalho: Longhin-Tomazi (2010); Andrade (2012, 2014 e 2017); Ely & Cezario (2023a e b). Logo, corroboramos com a descrição dos usos de *Vai que* nas referidas pesquisas, tendo em vista, contudo, que o foco deste trabalho é particularmente o subesquema *Vai que (S) V*, o que qualifica o entendimento da construção.

A pesquisa feita por Longhin-Thomazi (2010) postula que *Vai que* se diferencia de uma construção condicional prototípica (*Se p, então q*), pois, além de sofrer processo de gramaticalização (numa terminologia mais recente: construcionalização), em que o verbo *ir* perde características de verbo espacial e começa a assumir função mais gramatical de conjunção, a construção *Vai que* poderia ser dividida em dois padrões¹⁵, sendo eles: *X, vai que Y, (então Z)* (Padrão 1) e *Vai que X, (então) Y* (Padrão 2), como nos exemplos¹⁶ abaixo:

(05) Não implique com aquele esquisito ou estranha da sua escola. **Vai que ela tem** poderes psíquicos e mata todo mundo no baile de formatura? (*Corpus* do Português, 2023, grifo nosso).

(06) **Vai que se eu começar** a fazer isso, eles não resolve de ir logo (*Twitter/X*, 2023, grifo nosso).

O exemplo (05) está relacionado ao P1, pois *Vai que* introduz uma hipótese – a menina estranha da escola possuir poderes psíquicos – que tem por objetivo explicar/justificar a primeira afirmação (“Não implique com aquele esquisito ou estranha da sua escola.”). Além disso, no caso do padrão representado por (05), a construção *Vai que* poderia ser substituída por *e se*, mas não *se* (“Não implique com aquele esquisito ou estranha da sua escola. ?*Se* ela *tiver* poderes psíquicos e mata todo mundo no baile de formatura?”). No entanto, o exemplo (06) não admite substituição nem por *se*, nem por *e se* (“**Se* eu começar a fazer isso, eles não

¹⁴ Postula-se isso por conta da sua grande ocorrência nos *corpus* analisados;

¹⁵ Os padrões observados pela autora foram aqui abreviados por P1 (Padrão 1) e P2 (Padrão 2);

¹⁶ Os exemplos utilizados foram dados coletados por este autor, com objetivo de mostrar como as teorias citadas nessa seção conseguem ser expressivas na análise de exemplos contemporâneos à suas respectivas pesquisas.

resolve de ir logo”, “?E se eu começar a fazer isso, eles não resolve de ir logo”), porque, nesse caso, a expectativa do falante sobre a proposição seria anulada.

Por outro lado, uma representação de P2 pode ser vista, justamente, no exemplo (05), em que *Vai que* postula o conteúdo que será visto na segunda oração. Dessa forma, a oração posterior tende a demonstrar uma conclusão à situação presente na sentença introduzida por *Vai que* (se a pessoa começar a fazer determinada coisa, então “eles” irão resolver). Neste caso, a autora afirma que o padrão 2 estaria mais próximo das condicionais com *se*.

Para Longhin-Tomazi (2010), a construção *Vai que* é uma expressão cristalizada na língua e tem papel de operador argumentativo nos enunciados em que participa, guiando a argumentação, estabelecendo conexão com a condicionalidade e codificando a atitude epistêmica do falante:

A perífrase *vai que*, conforme discutido anteriormente, tem um papel significativo na construção textual, em que faz sequenciamento de orações com movimentos de retomada e de avanço, codificando de certa forma a crença ou atitude do escrevente acerca do que foi dito. Ao mobilizar uma hipótese, *vai que* codifica uma atitude epistêmica, que é a avaliação de algo como possível. [...] Nesses termos, a constituição das relações de significado nas construções com *vai que* envolveu ganho crescente de informação pragmática. No âmbito da articulação textual, a nova construção gramatical é altamente intencional e subjetivizada, já que traduz a perspectiva do escrevente. (Longhin-Tomazi, 2010, p. 147. grifo do autor).

Em segunda instância, Andrade (2012, 2014 e 2017) aprofunda a análise sobre *Vai que*, propondo que, além de cumprir a função de operador argumentativo e estabelecer vínculo com a condicionalidade (Longhin-Tomazi, 2010), a construção seria novo pareamento de forma-sentido. Para isso, a autora parte da hipótese de que, na construção *Vai que*, cria-se uma transferência metafórica de projeção. Em outras palavras, quando o verbo *ir* se gramaticaliza, passa a representar o conceito de tempo futuro (mais abstrato) e posiciona o falante de uma forma projetiva. Tais representações seriam motivadas pela cognição, pois – como explicado por Andrade (2014) – o indivíduo usaria a si mesmo (e suas experiências) de forma que se tornasse um ponto de referência; por sua vez, o mesmo faz uma associação analógica entre o conceito deslocamento para frente do verbo *ir* como uma projeção de futuro e, portanto, serviriam para que o falante pudesse manifestar crenças e expectativas, por meio da subjetividade, podendo convencer ou manipular o interlocutor de suas opiniões.

(07) Bom, como agora ves são formadoras de opinião, melhor eu NÃO ler o post todo. Não vi o filme, **vai que vc influencia** a minha opinião sobre o filme ou sobre o tema do post? rs... (Corpus do Português, 2023. grifo nosso).

(08) Os e-mails avisam se a pessoa abriu, o iphone pode dar share location, o whatsapp avisa que horas a pessoa estava online por último (isso é o cúmulo da noia!). Ninguém tá ajudando

não, gente. E não pense que isso melhora quando se namora. As vezes é até pior. Porque em a nossa mente doentia, se ele está online e não está falando com a gente... **vai que está falando** com alguma moçoila suspeita? (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

Como pode ser observado em (07) e (08), *Vai que* produz sentido de possibilidade. Nesses contextos, a estrutura aproxima-se do sentido vinculado por *quem sabe*, o que pode ter influência da relação da construção com outros modalizadores epistêmicos de possibilidade, como *talvez* e *pode ser que* (Andrade, 2014; Ely e Cezario, 2023b). Ainda, os exemplos mostram o caráter de operador argumentativo da construção, que perde valor de núcleo da oração e traz consigo argumento hipotético ligado à oração anterior que, por sua vez, pode tanto expressar noção de probabilidade (manifestada pelo falante), quanto demonstrar uma conjuntura positiva (no caso de 08) ou negativa (como em 07), a depender do contexto que antecede a oração hipotática (Andrade, 2012, p. 7). Ademais, o sentido de possibilidade se deve à forma como o falante utiliza sua experiência biossocial para fazer um “salto associativo” (Hopper & Traugott, 2003, p.84)¹⁷ e, assim, poder especular a possibilidade de atitudes que podem ser feitas caso o evento enunciado ocorra (ou não) (Andrade, 2017, p. 43).

Sendo assim, para Andrade, a construção *Vai que* estaria vinculada a (inter) subjetividade do falante, por se tratar de um enunciado que se cria a partir do ponto de vista de quem enuncia e da crença do mesmo (e do ouvinte):

Essas construções nesses contextos representam projeções feitas pelo falante e acreditamos que o emprego do verbo *ir* nesses casos ocorre por haver uma identidade semântica, ou seja, uma relação de projeção abstrata a partir de um elemento concreto, no caso o deslocamento espacial que metaforicamente é empregado para se referir a projeções feitas pelo enunciadador, ou seja, **essa relação é cognitivamente motivada, pois o indivíduo toma como referência a própria experiência**, nesse caso, ele observa que *ir*, por representar referencialmente um deslocar-se para frente, o indivíduo o associa analogicamente a uma projeção abstrata de futuro. (Andrade, 2012, p.7. grifo nosso).

Por conseguinte, a hipótese principal da autora é de *Vai que* é um novo pareamento de forma e função que pode assumir tanto a posição de operador argumentativo, como de marcador epistêmico. Nesse sentido, a construção liga-se ao domínio cognitivo contrafactual (irrealidade) e ao domínio condicional (semanticamente) e representa significado de possibilidade, hipótese ou suposição ou uma expectativa em relação ao dito (Ely & Cezario, 2023a). Além disso, a construção apresentaria links semânticos (Longhin-Tomazi, 2010) e formais com outros enunciados do paradigma dos modalizadores epistêmicos, como *acho que* e *será que* (Ely & Cezario, 2023b, p. 152).

¹⁷ Metaphorical processes are processes of inference across conceptual boundaries, and are typically referred to in terms of "mappings," or "associative leaps," from one domain to another. The mapping is not random, but motivated by analogy and iconic relationships. (Hopper & Traugott, 2003, p.84).

(09) Procure por coolers bons e com o dissipador (a parte de metal) grande também. Coolers de gabinete (aqueles que vão na lateral da tampa do gabinete) são uma boa ideia para reduzir a temperatura geral da máquina. Caso NADA disso tenha resolvido seu problema (o que eu acho bem improvável) experimente reinstalar os drivers e / ou formatar seu computador, o problema pode (na realidade não pode, mas **vai que seja**) ser drivers. (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

Em (09), *Vai que* é um conector que introduz uma hipótese apresentada pelo falante, o qual assume postura positiva (o problema ser no drive) sobre o que foi apresentado na oração anterior (caso nenhuma das dicas anteriores dê certo a pessoa procurar reiniciar o driver). Ainda, a oração antecedente funciona como estratégia de preservação de face (Ely & Cezario, 2023a, p.254) por parte do falante, pois, quando o mesmo se coloca na situação hipotética “na realidade não pode, mas vai que seja”, ele isenta a sua responsabilidade no enunciado produzido, mesmo acreditando que as chances são realmente baixas. Além disso, a oração iniciada pela construção *Vai que* cria uma projeção futura (Andrade, 2014) partindo da crença do locutor de que essa situação pode – ou não – ser realizada.

Por sua vez, Ely e Cezario (2023a) também defendem *Vai que* como uma estrutura que está convencionalizada:

A construção [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV] já está convencionalizada na língua e assume função de operador argumentativo e/ou marcador de epistemicidade, além de significar possibilidade, hipótese e suposição, ligando-se ao domínio condicional, do ponto de vista semântico. Assim, os construtos advindos de [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV] são usados para codificar a argumentatividade do interlocutor e flexibilizar o que foi dito, apresentando projeções e hipóteses sobre a cláusula ou sobre a oração antecedente. Dessa forma, *vai que* normalmente é usado como estratégia de flexibilização e como forma de projetar uma possibilidade sobre o que foi dito. (Ely & Cezario, 2023a, p.261. grifo do autor).

Dentro da hipótese de Ely & Cezario (2023), *Vai que* é uma nova construção, com maior independência sintática, que estabelece sentido epistêmico não-asseverativo de possibilidade ou dúvida, a depender das intenções do falante, bem como da compreensão sociocomunicativa entre ele e o interlocutor. Além disso, a partir de suas análises, as autoras propõem que essa construção estaria seguindo uma tendência translinguísticas (a partir dos pressupostos observados em Bybee; Fleischman, 1995 e Bybee, 2016), onde modalizadores deônticos passam a ser modalizadores epistêmicos, como em *vai ver que* e *pode ser que*.

A partir do que foi discutido, ressaltamos que este trabalho se dedica a analisar a construção *Vai que* (S) V, que surge a partir do esquema mais geral da construção, isto é, *Vai que*_{CONNECT} S + V + C (Ely & Cezario, 2023). Por sua vez, a hipótese defendida neste trabalho (cujo pressuposto teórico está ancorado nas pesquisas das autoras citadas anteriormente) é a de que *Vai que* (S) V seria uma construção e que há outra construção com significado mais

específico, isto é, *[Vai que V](cola/rola/dá)*, diferentes da mais esquemática *Vai que S + V + C*.

Dessa forma, apesar de os autores anteriores serem o ponto de partida para este trabalho, nossa proposta difere em relação às outras pesquisas, pois partimos da análise de construções mais específicas (*[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]*). Por isso, entendemos que, ao analisar e compreender essas micro construções – por meio de seus usos reais –, este trabalho pode servir como base para as próximas pesquisas sobre *Vai que*, facilitando o entendimento e a definição da construção, posteriormente.

A seguir será apresentado a metodologia e a análise da construção feita neste trabalho.

4. METODOLOGIA

A análise proposta neste trabalho é de cunho quali-quantitativo. Foram coletados um total de 1.850 dados escritos do *Vai que*, em PB contemporâneo, sendo retirados 400 dados do *Corpus do Português*¹⁸ (200 da aba WEB/Dialetos e 200 da NOW) e 1.450 do *Twitter/X*¹⁹, para a posterior seleção da construção específica *Vai que (S) V*, totalizando 280 dados (15,7% de ocorrências da amostra). Selecionamos apenas as construções sem objeto expreso, a fim de entender se [*Vai que V*] é de fato uma construção distinta das construções *Vai que* com sujeito facultativo, mas sem objeto.

A escolha da rede social como *corpus* parte da premissa de que esta apresenta usos mais próximos dos contextos reais informais de comunicação, assim, consideramos que o *Twitter/X* se adequa bem à pesquisa. Durante o processo de levantamento de dados também utilizamos o *Corpus do Português*, pois ele apresentou dados atualizados, com diálogos sobre temas variados. No entanto, foi preciso adequar à metodologia a partir de duas formas diferentes relacionado aos dados do *Twitter/X*: (i) em um primeiro momento, utilizamos a plataforma *Netlytic*²⁰ para a coleta de ocorrências com *vai que*, totalizando 850 dados; (ii) uma vez que a primeira plataforma não pode mais acessar os dados da rede social, decidimos fazer outra coleta, esta manualmente, para complementar o montante que havíamos conseguido com *Netlytic*. Dessa forma, por possibilitar ferramentas de filtragem e busca avançada, o *Twitter/X* se mostrou permissivo para a análise criteriosa dos dados, ainda que manualmente. Por sua vez, as ferramentas disponibilizadas pela plataforma foram: palavras, contas, língua, respostas que usam o dado, links, hashtags, engajamento e data.

Dentre as ferramentas citadas acima, foram utilizadas: (a) a seleção de palavras, em que se buscou por “*Vai que*”, com objetivo de obter dados com a construção *Vai que* e não os com a forma do verbo ir mais o complemento “que” (separados); (b) a seleção de língua, selecionou-se a opção “Português”, fornecida pela plataforma²¹; (c) engajamento, foram escolhidos os *tweets* pela aba “mais recentes”, independentemente do número de curtidas ou compartilhamentos e com, pelo menos, 20 caracteres (para evitar dados sem contexto); (d) data, recolhemos os dados entre os anos de 2022-2019 e delimitamos essa busca por meio de três meses – Janeiro, Junho e Dezembro – de cada ano, para não ter dados enviesados (por

¹⁸ [https://www.corpusdoportugues.org](https://www.corpusdoportugues.org;);

¹⁹ <https://twitter.com>;

²⁰ <https://netlytic.org>.

²¹ A plataforma *Twitter/X* não disponibiliza opção de diferenciação entre o PB e o Português Europeu (ou Português de países africanos), mas não foi encontrado nenhum dado de *Vai que* em outro português que não fosse o brasileiro;

conta de comemorações como Ano Novo, por exemplo) e para observar o comportamento da construção durante diferentes fases de um mesmo ano (o último dado coletado está registrado como 30/01/2019). Ainda, para exemplificar o método de pesquisa avançada da plataforma unindo todas as ferramentas citadas, um exemplo de script usado na coleta foi: “Vai que” lang:pt until:2021-12-31 since:2021-12-01 -filter:links -filter:replies (*Twitter/X*, 2023); nesse exemplo foi pesquisado os *tweets* com a construção *Vai que* (por meio da seleção de palavras) em PB (seleção de língua) que ocorreram entre os dias 01/12/2021 e 31/12/2021 (seleção de data + delimitação do mês) e aparecem na ordem de postagem mais recente, sendo o mínimo de caracteres 20 (seleção de engajamento).

Para a coleta realizada no *Corpus do Português* foram utilizadas duas abas diferentes para seleção dos dados. Em um primeiro momento, selecionamos os primeiros 200 dados da construção *Vai que* – em Português Brasileiro – da aba Web/Dialetos e, posteriormente, mais 200 da aba NOW, pois a segunda aba levantou dados de produções mais recentes (de acordo com o site, 2012-2019). Dessa forma, assim como foi feito com os materiais do *Twitter/X*, houve a transferência dos dados do *corpus* para planilhas em *Excel* e as informações adicionadas para a análise foram as mesmas usadas na rede social acima, exceto pelo fato de não ter sido separado a data de publicação das ocorrências do *Corpus do Português*, pois a disposição dos dados não segue uma organização cronológica linear.

A razão pela qual há um número maior de dados do *Twitter/X* em detrimento ao *Corpus do Português* pode ser explicada por dois fatores: (1) o número de dados relativos a construção *Vai que (S) V* no *Corpus do Português* se relacionam mais fortemente às mídias visuais, sendo por esse motivo a exclusão de dados em que *Vai que* se refere ao nome de um filme, seriado, etc²²; (2) mesmo que a plataforma tenha uma coleta mais recente, ainda sim, por se tratar de contextos mais restritos, não reflete todas as formas possíveis de variação de verbos que estão acontecendo no *slot* de V e em sua frequência de produtividade.

Por fim, os fatores analisados foram:

- A. *Type* ([[*Vai que*] (S) V] ou [*Vai que* V]) e *Token*;
- B. Modo (indicativo, subjuntivo e infinitivo) da oração introduzida por *Vai que*;
- C. Tempo (presente, passado e futuro) da oração introduzida por *Vai que*;
- D. Sujeito (presença ou ausência) da oração introduzida por *Vai que*;
- E. Ordem perifrástica (interfrásica ou intrafrásica) da construção *Vai que*;

²² Não serão analisadas aqui as ocorrências de *Vai que (S) V* relacionadas a mídias visuais (como no caso do programa “Vai que cola” (2013) e do filme “Vai que dá certo” (2013), por exemplo) ou sentenças em que a construção aparece sem contexto.

- F. Pessoa do sujeito²³ (1º, 2º, 3º, indeterminado ou subentendido);
- G. Tipo de frase (positiva ou negativa) da construção *Vai que*;
- H. Avaliação do falante sobre a situação (positiva, negativa ou neutra) da oração anterior;
- I. Postura epistêmica da construção *Vai que (S) V* (positiva, negativa ou neutra).

Assim, nossa hipótese principal é de que o esquema [*Vai que V*] é constituído pelos usos dos novos *chunks* *Vai que cola, rola e dá*, altamente idiomáticos. Por sua vez, esse esquema estaria distante de outros usos menos ou não idiomatizados, que são inseridos em [[*Vai que*] (S) V]. Nossas hipóteses específicas relacionadas aos fatores discriminados acima serão apresentadas durante a exposição dos resultados.

²³ Neste trabalho o sujeito nulo será considerado de acordo com a definição da gramática tradicional;

5. ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO *Vai que (S) V*

Nesta seção, será mostrada a análise da construção *Vai que (S) V*, que está dividida em três subseções, partindo do princípio de que essa é uma investigação do tipo *Bottom-up*²⁴ (Furtado da Cunha; Cezario, 2023; Hilpert, 2021). A primeira trata dos dados que consideramos idiomáticos da construção [*Vai que V*], ou seja, os exemplos com *Vai que cola, rola e dá*. Enquanto isso, na segunda seção, é abordado o uso de [[*Vai que*] (S) V] na forma que entendemos como não idiomática. Por fim, a terceira seção está reservada aos resultados quantitativos.

5.1. A Construção Idiomática [*Vai que V*]: os casos de *vai que cola, rola e dá*

Para iniciar a análise, apresentamos usos com caráter mais idiomático da construção com *Vai que*. Abaixo, exibimos dados de *Vai que cola*:

(10) Oi Claudinha!!! Oi Vianautas!!! Só passando rapidinho pq não pude deixar de lembrar da carta de hj depois de ter sido assaltada literalmente a mão armada... me lembrei de uma das cartas utilizadas pra ilustrar hj sua postagem Claudinha.. rs... Aiaiaiaiai... essas sincronicidades... da próxima vez q sair um 10 de ouros, coloque a figura de um baú cheio de ouro, por favor... **vai que cola**... (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(11) Vou tentar treinar em casa, **vai que cola** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Em (10), a construção está no fim do período, retomando todo o sentido trazido na sentença anterior e revela um caráter de possibilidade e/ou hipótese, além de uma projeção futura (a pessoa se atentar melhor às cartas, em uma próxima vez). Por sua vez, no exemplo (11), ocorre uso semelhante, em que o falante utiliza *vai que* de forma idiomatizada, demonstrando o caráter de possibilidade e de expectativa positiva que ele conceptualiza, isto é, treinar em casa ser uma experiência que pode dar certo. Além disso, nas ocorrências acima, o verbo “colar” não se refere ao ato literal de colar algo, mas sim da situação metafórica de suprir as expectativas do falante. Ainda, nessas sentenças, a construção não admite sujeito e nem objeto (nesses casos, o objeto não é identificado de forma implícita).

²⁴ Essa perspectiva dialoga com o ponto de vista funcionalista, uma vez que postula que é a partir dos usos das construções (*bottom*) que os esquemas da língua (*up*) são criados, isto é, por meio do uso e da frequência dos *tokens* há generalização, licenciando microconstruções até chegar aos esquemas mais abstratos na mente do falante. Por esse motivo, organizamos a seção de análise desta forma: das microconstruções para os subesquemas mais abstratos.

Quanto à *vai que rola*, esta também apresenta alguns traços semelhantes aos usos ilustrados anteriormente, como em:

(12) queria um galaxy folder 2 de aniversário. assim, sei lá, **vai que rola** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(13) A m4iar4 card7 tá dando televisão para fã, eu bem linda pedi um iPhone no privado para ela. **Vai que rola** né! (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Em (12) e (13), a construção aparece em final de sentença, recuperando o sentido anterior e de forma idiomatizada, onde “rolar” tem significado próximo à construção. Além disso, ambos os casos usam *Vai que* como forma de revelar suas expectativas de que uma situação se realize (tanto (12) como (13) são sobre o falante ganhar um celular novo). Logo, os exemplos têm caráter de projeção futura, em que os falantes esperam (de maneira positiva) que um celular novo seja recebido.

Com relação à construção, há um detalhe interessante, pois a construção *Vai que* se une ao subesquema *Dar (AA)*²⁵, sendo que “dar” perde sua semântica de transferência de posse e se torna uma construção resultativa, possibilitando assim a existência de expressões do tipo *dar bom*, *dar ruim*, *dar certo* etc. (Cumán; Marques, 2022), como nos exemplos abaixo:

(14) Queria tanto um Ps5 ou ps4 pra sair do Xbox @PlayStation ... **vai que dá certo** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(15) Segundo Anitta, quando é assim, é melhor não ficar falando muito antes de oficializar. -- Eu costumo dizer que estou fazendo uns testes de fidelidade antes. Você não pode dar um tiro no escuro, primeiro tem que ver direitinho e saber onde está mirando. Por isso eu não falo nada, com esse negócio de mídia, gente em cima, **vai que não dá certo?!** (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(16) O objetivo da contratação de Gabriel e Cirino foi exatamente lucrar com vendas, isso é um erro. Mas bola pra frente e torcer por eles, **vai que dá certo** (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(17) vou até parar de seguir, **vai que dá merda** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Nas ocorrências acima, pode-se verificar o uso da construção *Vai que dá* em final de sentença, retomando o sentido anterior e trazendo uma ideia de possibilidade de ganhar um

²⁵ Dar + Adjetivo Adverbializado (Cumán; Marques, 2022).

PS4 ou PS5, em (14), o relacionamento prosseguir ou não, em (15), o time ficar melhor com a adição de dois jogadores, em (16) e algo ruim acontecer, em (17). Além disso, em todos os casos, é possível perceber que *Vai que* se une a uma construção do tipo *Dar (AA)*, fazendo com que a posição do falante quanto a sua expectativa se torne menos neutra e mais marcada posicionamento (em (14) e (16) expectativa positiva e em (15) e (17) negativa). Isso fica visível, por exemplo, no dado (15) onde há marcações de negação (“Você **não** pode [...]” e “Por isso eu **não** falo nada [...]”) antes de introduzir o *Vai que dá merda*, preparando o falante para uma hipótese onde a crença do falante está mais direcionada a negação. Em contrapartida, em (16), há um conteúdo interessante onde – apesar do falante se mostrar contra a posição da contratação dos jogadores – o locutor utiliza *Vai que dá certo*, podendo ser visto como proteção de face, uma vez que ele não quer desacreditar de seu time, mesmo possuindo opinião contrária (marcado pelo “**mas**, bola para frente [...]”) ao que ele projeta.

Em todos os exemplos acima, a construção *Vai que* é utilizada como expressão idiomática, em que não há presença de sujeito ou objeto, sendo o *espaço base*²⁶ (Fauconnier, 1994, 1997) o *ponto de vista*²⁷ (Pelosi; Feltes; Farias, 2014) do enunciador, mas de forma mais tangenciada pelo caráter de proteção de face, além de trazer os verbos (*colar*, *rolar* e *dar*) no presente do indicativo e fora de seu significado original. Por sua vez, é possível argumentar que esses verbos ganham novo significado quando são colocados na construção, uma vez que (nos dados) não há ocorrência desses verbos acompanhados de *[Vai que V]* com sentido não idiomático, tornando-se uma unidade de processamento (Diessel, 2014). Tais afirmações são consolidadas nos resultados da análise quantitativa deste escrito.

Assim, é possível postular que os *tokens Vai que cola, rola e dá* já são novo pareamento de forma e função (advindo de *[[Vai que] (S) V]*), aparecendo sem um sujeito exposto e sem objeto (*[Vai que V]*), com tendência a ocorrer em posição final de sentença, além de dispor de um caráter mais idiomático. Por fim, é bem verdade que a construção *Vai que (S) V* também licencia *tokens* menos ou não idiomáticos, por isso, na próxima seção será observado esse comportamento.

5.2. A Construção *[[Vai Que] (S) V]*

Acima, foram apresentados alguns usos idiomatizados da construção *[Vai que V]*, sendo essa uma microconstrução advinda de *[[Vai que] (S) V]*, como dito anteriormente.

²⁶ Para Fauconnier (1994, 1997) o espaço base seria a “âncora” para criar os espaços mentais numa situação de comunicação;

²⁷ O centro da conceptualização (Pelosi; Feltes; Farias, 2014).

Ainda que possuam semelhanças, a construção *[[Vai que] (S) V]* apresenta algumas características específicas que se diferenciam do que foi apresentado na seção 5.1, as quais corroboram para nossa asserção de que ambas são construções distintas. Abaixo, alguns exemplos:

(18) Enfim, quando é amor essas coisas viram detalhes. O que acho mais grave nessa discussão aí é que elas (e muitas outras garotas) acham que os caras tem que correr atrás e ter um carro pra dar conforto a elas. Nenhuma fala em TER O PRÓPRIO CARRO, nem mesmo essa que já é formada. Ou seja, elas ainda enxergam os homens como provedores. Aff... Namorar um cara que tem carro te garante conforto por um tempo... **vai que vocês terminam?** (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(19) O caminhoneiro tem seu o seu custo e é livre para aceitar ou não o valor para fazer o frete, mas caso não aceite **vai que outro aceite** e faça o serviço. (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(20) David Luiz fez muito bem em não comemorar o gol. **Vai que lesiona? Vai que cansa?** Levou quase cinco minutos para voltar pro campo de defesa, pessoal pensando que era revisão do VAR mas era ele que ainda estava no campo do adversário... (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(21) Quero cortar a unha do pé mas tenho medo porque me viciiei em vídeos de podologia, **vai que encrava** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Na maior parte dos casos acima, *Vai que* também aparece em final de sentença (exceto em (20)), recuperando o sentido anterior e trazendo possibilidade passível de concretização, sendo elas: terminar o namoro (18), outra pessoa aceitar fazer o frete (19), David luiz se lesionar ou se cansar (20) e a unha encravar ao ser cortada (21). Contudo, é possível observar que, diferentemente do apresentado na seção anterior, esses dados aparecem com verbos em seu sentido de origem (terminar, aceitar, lesionar e cansar, além de encravar), com maior possibilidade de variação tempo-modo verbal, com casos em que o sujeito é expreso (18 e 19) ou nulo subentendido (20 e 21), por exemplo. Além disso, os usos de *Vai que* podem estar voltados à postura neutra (18 e 19) ou positiva (20 e 21) por parte do falante, em que o enunciador não sabe se o conteúdo irá se realizar ou não, ou acredita que as situações possam ser realizadas, respectivamente. Especificamente, quanto aos casos de (20) e (21), *Vai que* apresenta valor de justificação, corroborando com o argumento apresentado pelo falante.

Por sua vez, selecionamos ocorrências em que a construção *Vai que* pode aparecer contradizendo as expectativas do falante, assim como (18) e (19). Abaixo:

(22) Pior que o Palmeiras poderá enfrentar o Bayern na final né mano. De igual pra igual não vai rolar, mas **vai que ganha** né (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(23) Tem aula de narrativa hoje e eu tô com medo de perder. É daqui a meia hora mas **vai que eu esqueço?** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(24) O dono da foto mais curtida e comentada até o dia 27 de Junho ganhará 4 semanas de bolsa de estudos + seguro viagem por todo o período do intercâmbio! Enfim Não custa nada mandar uma foto legal! Vai levar menos de 5 minutos para você mandar o email. Lógico que voce vai ter que mandar a pagina com sua foto para sua familia e amigos para eles votarem e te apoiarem. Mas **vai que você ganha?!** (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(25) Em o Riba [livraria Poeme- se] já esgotou, eu repus hoje; na [livraria] Leitura eu ainda não fui; no Chico eu também ainda não fui. Tem tido certa saída. Já recuperou 30 % do gasto. Eu nunca espero dinheiro de volta. Quer dizer, só em prestação de serviços que pode ser reinvestido como em achar um cara como Magah. Vai sair o livro de Reuben, o da Jorgeana. Tem uns livros para lançar aí e sempre aparecem outras coisas. Mandam coisas, me mandam originais, mas eu fico sempre desconfortável em ler porque **vai que eu leio** e o livro é uma merda? (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

Nos exemplos, tanto no grupo com os sujeitos expressos (23, 24 e 25) quanto no caso de sujeito nulo subentendido (22), a construção aparece em final de sentença, recuperando o sentido anterior e abrindo para uma possibilidade sobre o assunto que foi expresso anteriormente. No entanto, é possível observar que as hipóteses trazidas por *Vai que* são contrastivas (concordando com o conectivo *mas*) de forma indireta (Schwenter, 2000, p. 260), ou seja, a construção sinaliza contraste por meio do contexto comunicativo e por ser antecedida por *mas*, em que – apesar de o falante sempre marcar uma expectativa – a hipótese criada pela construção é a expectativa contrária: (22) o Palmeiras ganhar caso enfrente o Bayern na final; (23) esquecer da aula de narrativa e se atrasar; (24) ganhar uma bolsa de estudos numa competição na internet e (25) o livro recebido ser ruim. Vale ressaltar que, mesmo que a construção vá a favor ou contra às expectativas do falante, nestes casos, não há traço de idiomaticidade.

Em todas as ocorrências desta seção, a construção *Vai que* demonstra nenhum ou baixo grau de idiomaticidade, aparecendo com sujeito expresso ou nulo subentendido. Dessa forma, pode-se argumentar a favor de que, por se tratar de verbos factuais e ser uma construção que apresenta mais opções oracional, a construção *[[Vai que] (S) V]* costuma preencher mais o *slot* do sujeito e, quando isso acontece, o *espaço base* para projeção hipotética pode se tornar

o *ponto de vista* do próprio falante na situação presente à sua hipótese (quando o sujeito está na primeira pessoa do singular), não havendo necessidade de proteção de face nesses casos (como em (23) e (25)), pois a marcação do sujeito torna difícil o afastamento do mesmo da projeção, diferentemente de quando o sujeito marcado é outra pessoa (24).

5.3. Resultados Quali-Quantitativos

Após as considerações relacionadas à análise unicamente qualitativa, será apresentada a análise quali-quantitativa a partir dos resultados expostos por meio de alguns gráficos. Conforme apresentado no capítulo da Metodologia, os fatores analisados foram:

- A. *Type* ([[*Vai que*] (S) V] ou [*Vai que* V]) e *Token*;
- B. Modo (indicativo, subjuntivo e infinitivo) da oração introduzida por *Vai que*;
- C. Tempo (presente, passado e futuro) da oração introduzida por *Vai que*;
- D. Sujeito (presença ou ausência) da oração introduzida por *Vai que*;
- E. Ordem perifrástica (interfrásico ou intrafrásica) da construção *Vai que*;
- F. Pessoa do sujeito (1º, 2º, 3º, indeterminado ou subentendido);
- G. Tipo de frase (positiva ou negativa) da construção *Vai que*;
- H. Avaliação do falante sobre a situação (positiva, negativa ou neutra) da oração anterior;
- I. Postura epistêmica da construção *Vai que* (S) V (positiva, negativa ou neutra).

A apresentação dos resultados segue a ordem acima. Começamos pelo resultado da frequência *type* e *token*.

Frequência *type* e *token*

Observamos as ocorrências nos dados de *Vai que idiomático* e *Vai que não idiomático*, com objetivo de avaliarmos a produtividade do subesquema [*Vai que* V] *idiomático* e de [[*Vai que*] (S) V], o qual consideramos não-*idiomático*. A nossa hipótese é de que há o distanciamento de forma-sentido quanto ao subesquema *Vai que* V, tornando-se um novo *chunk*. Os exemplos demonstram tais *tokens*:

(26) [**idiomático**] Minha gerente até gosta de "Game of Thrones" também e comecei a pesquisar algumas coisas na internet e me lembrei de que tinham feito, nos Estados Unidos, algo parecido para a Copa do Mundo. Pesquisei para ler como o pedido para assistir a as partidas e comecei a escrever para justificar o que senti. Pensei: "**vai que cola**, né?" (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(27) [**não-idiomático**] queria mas melhor não zuar **vai que vc chora** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Abaixo, apresentamos o resultado obtido sobre a frequência *type* presente nos dados coletados, sendo avaliados os *types* referentes à *[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]*, para comparativo acerca da produção de ambas as construções.

Gráfico 1 - Ocorrência *token* dos *types* *[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]*



Fonte: autoria própria.

Dentre os 280 dados com a construção *Vai que (S) V*, pode-se observar que 37,1% são de *Vai que* com valor mais idiomático (*Vai que cola, rola e dá*), mostrando o quão produtivo é o esquema *Vai que V idiomático*, o que pode ser um fator de confirmação para nossa hipótese de que esse subesquema estaria se distanciando de *Vai que (S) V*. A maior frequência de *[[Vai que] (S) V]* já era esperada, uma vez que o esquema mais geral é o menos marcado e, por isso, tende a ocorrer com maior frequência (Furtado da Cunha; Oliveira & Martelotta, 2003). O uso significativo por parte dos falantes desse novo *chunk* pode significar que – as formas estando em competição (Cezario; Campos; Santos, 2018) – a preferência do locutor pelo esquema mais idiomático está se consolidando na mente dos falantes do PB, o que aponta para uma expansão da produtividade da construção. Isso fortalece o argumento de que há diferentes pareamentos de forma-significado no esquema de *Vai que*.

Modo verbal

Quanto ao modo verbal de *Vai que (S) V*, analisamos esse fator com o objetivo de descobrir se *Vai que* realmente daria preferência aos verbos no modo indicativo e se existia número significativo de outros modos dentro dos dados, pois nossa hipótese preliminar apontava para uma predominância do modo indicativo, sobretudo, na construção *[Vai que V]* (pela característica que *Vai que* possui de estar ligado a postura epistêmica positiva).

Foram encontradas ocorrências²⁸ nos modos indicativo e subjuntivo:

²⁸ Aqui foram somadas as ocorrências de *[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]* (idiomático).

(28) [**indicativo**] Quando a gente recebeu a escala eu vi que meus domingos estavam batendo com o horário da série, e todo ano eu assisto. Daí pensei em uma forma de falar com a minha gerente local e, como eu sei que ela é fã da série, eu pensei em um jeito de formalizar para ser engraçado. Eu pensei' **vai que cola** né? (*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso).

(29) [**subjuntivo**] eu não vou nem falar muito da nota pq **vai que ela mude** (*Twitter/X*, 2023, grifo nosso).

Obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 2 - Modo Verbal de *Vai que (S) V*



Fonte: autoria própria.

Os resultados apontam para predominância de verbos no modo indicativo (94,1%) ocupando o *slot* de V na construção, tal resultado era esperado, porque o modo indicativo é o menos marcado na língua (Neves, 2011) e, porque *Vai que* costuma estar mais vinculada à postura epistêmica positiva por parte do falante, que se relaciona diretamente com o modo indicativo, conforme já postulado por Ferrari (1999), o que mostra uma preferência natural da construção pelo modo. Entretanto, apesar de os resultados de ambas as construções estarem representados no mesmo gráfico, apenas 0,3% dos dados de *[Vai que V]* encontram-se no modo subjuntivo (o que equivale a 1 dado), mostrando que esse subesquema é resistente à variação do modo verbal, diferente de *[[Vai que] (S) V]*, cujo modo subjuntivo é mais recorrente (5,6% comparado ao *[Vai que V]*). Além disso, ao serem descontados todos os dados de *[Vai que V]* *idiomático* de nossa análise (equivalentes a 37,1%), ainda assim o modo indicativo continua a prevalecer nos dados de *[[Vai que] (S) V]*, isso mostra que a preferência pelo indicativo é comum a ambos os subesquemas.

Tempo verbal

Com referência ao valor temporal do verbo que acompanha a construção *Vai que (S) V*, observou-se grande ocorrência do tempo presente e, em menor instância, alguns outros tempos (como tempos pretéritos e futuro do presente). Por sua vez, esse fator foi controlado para observarmos se haveria números significantes de outros tempos verbais além do presente, uma vez que *Vai que* é normalmente empregado com sentido de projeção futura a um momento atual de seu uso. Abaixo:

(30) [**pretérito imperfeito**] Cheguei para o meu pai e contei minha triste história, alegando estar sem celular e que meu aniversário estava muito perto, quem sabe era sugestão de presente. Ele olhou pra mim, riu e certamente disse que não ia rolar o presente. Já esperava isso mas **vai que colasse, né?** (*Corpus do Português*, 2023, grifo nosso).

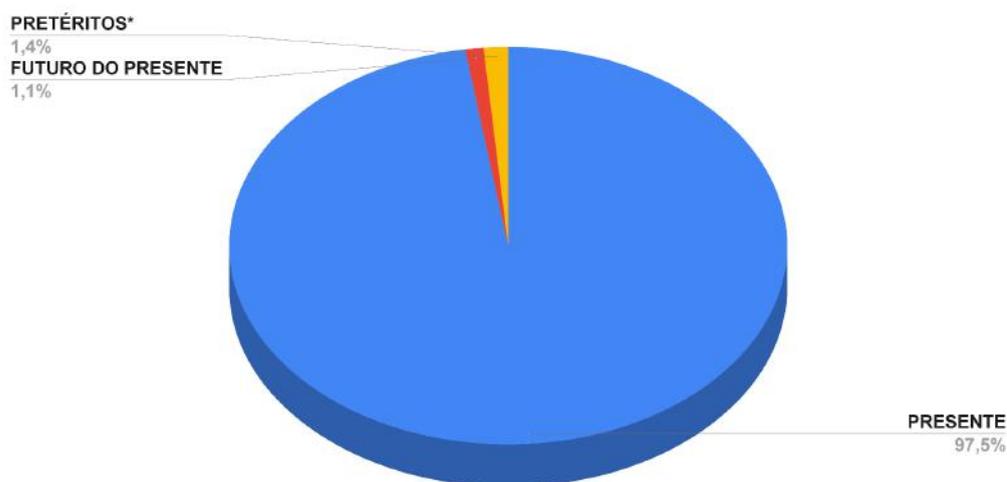
(31) [**presente**] A minha card tá dando televisão para fã, eu bem linda pedi um iPhone no privado para ela. **Vai que rola né!** (Twitter/X, 2023. grifo nosso).

(32) [**pretérito perfeito**] No ano passado, foi sobre a violência contra mulher. Na prova do dia anterior teve muitos textos que tocavam no assunto. Então, **vai que aconteceu** de novo (Twitter/X, 2023. grifo nosso).

(33) [**futuro do presente**] tô vendo bbb e é aquele ditado nunca diga dessa água não bebereis pois **vai que bebereis** né (Twitter/X, 2023, grifo nosso).

Os resultados obtidos foram:

Gráfico 3 - Valor temporal do verbo de *Vai que (S) V*
Valor temporal do verbo de *Vai que (S) V*



Fonte: autoria própria.

*A categoria "Pretéritos" refere-se aos dados em pretérito perfeito (2) e imperfeito (2);

Como mostrado no gráfico, há predominância (97,5%) do tempo presente nos verbos que ocupam o *slot V* da construção *Vai que (S) V*, já que *Vai que* tem caráter de projeção futura ao momento presente. Ainda, argumentamos que a baixa produtividade do futuro do presente (1,1%) nos dados ocorre por conta do caráter de projeção temporal para frente que o verbo *ir* adquiriu após ser construcionalizado. Sendo assim, utilizar o futuro do presente junto ao *Vai que* seria redundante, todavia, ocorre no caso de o falante dar ênfase a um futuro possível.

Ordem frásica

Quanto à ordem frásica dos dados, avaliamos a oração de *Vai que* em interfrásica e intrafrásica, a primeira refere-se a dados que acontecem entre sentenças e a segunda em contexto inicial, após ponto final. Nesse sentido, controlamos esse fator para observarmos se (por ter um caráter de recuperação de contexto) a construção apareceria mais vezes em posição entre sentenças ou iniciando-as.

(34) [intrafrásico] O galã não revela o nome da sua fonte de inspiração. " Não posso falar quem é o professor porque **vai que ele não gosta**, mas tenho contato diário com ele. (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(35) [interfrásico] nao se sabe o que é pior... Pt ou os ladroes do PSDB. é tudo igual, é trocar seis por meia duzia. agora, se tirassemos os dois partidos, mais o pmdb, aí poderíamos tentar mudar algo. agora brincar de tira e poe nao vai resolver nada. todos que entram tentarão roubar o maximo que puderem. ta na hora de mudar, mas mudar mesmo, chega de voltar psdb, pmdb, etc e tal. mudar é mudar. senao fica como está, já que gostamos de merda mesmo fica do jeito que ta. **vai que muda** e piora kkkkkkkkkkkk. (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

Os resultados apontaram:

Gráfico 4 - Ordem frásica



Fonte: autoria própria.

Em relação à ordem frásica das construções (*[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]*), é possível observar que *Vai que (S) V* ocorre em 80,6% das vezes em posição intrafrásica entre sentenças, sendo sua maioria em final de contexto (como em (30)). Isso contribui com nossa ideia de que a construção é utilizada para retomar o que foi dito anteriormente, uma vez que a ocorrência do esquema iniciando contextos inexistente nos dados. Mas, apesar de haver percentual relevante da ordem interfrásica (19,4%), não há mudança significativa em relação à função de *Vai que* iniciando sentenças, isto é, após ponto final, visto que, muitas vezes, esses casos também retomam o conteúdo anterior, mesmo estando outro período oracional, visto que acontece em final de contexto. Em outras palavras, essa mudança influencia mais em questões de posição na sentença do que em seu significado nela.

Pessoa e número do sujeito de V

Continuando com a análise, foram observados quais tipos de sujeitos acontecem com o esquema *Vai que (S) V*, sendo separados em: 1ª pessoa do singular (PS), 2ª PS, 3ª PS; 1ª pessoa do plural (PP), 2ª PP e 3ª PP, além de OSNI e OSNS (sujeito nulo indeterminado ou sujeito nulo subentendido).

Os resultados encontram-se no gráfico:



Fonte: autoria própria.

No gráfico, observa-se que o tipo de sujeito que costuma aparecer mais frequentemente com a construção *[[Vai que] (S) V]* é o sujeito nulo indeterminado com 51,4% de ocorrência (nos casos das construções idiomáticas o sujeito sempre foi nulo indeterminado, com apenas um caso de variação). Por sua vez, vale ressaltar que a marcação do sujeito expresso, somando 26,4%, tem porcentagem baixa tanto quando comparada com os casos de

sujeito nulo indeterminado, tanto nos casos de sujeito nulo subentendido (22%) (tendo uma vantagem de apenas 4,4% para esse). Dessa forma, esses resultados confirmam o postulado neste trabalho de que – pelo caráter de proteção de face – o falante ao usar a construção *[[Vai que] (S) V]* tende a tangenciar seu *ponto de vista* como sujeito, não o expressando e tornando-se imparcial no discurso. E, no que tange às microconstruções *[Vai que V]* *idiomáticas*, a marcação de sujeito é nula indeterminada em 100% dos casos, corroborando para a hipótese de que *[[Vai que] (S) V]* e *[Vai que V]* são construções distintas.

Tipo de frase (afirmativa ou negativa)

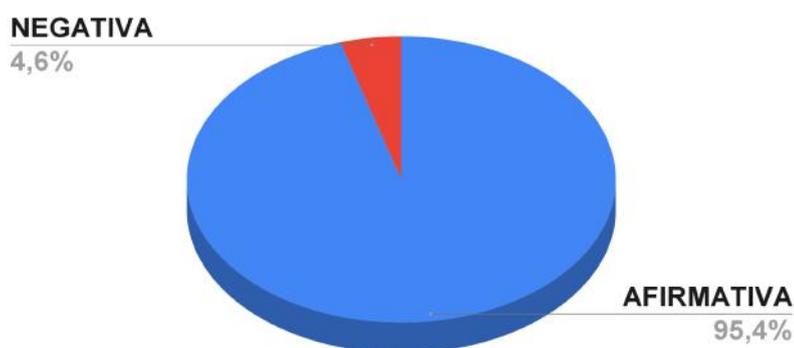
Ainda, sobre o tipo de frase que acompanha *Vai que (S) V*, controlamos se essas eram afirmativas ou negativas, como em:

(36) [afirmativa] Eu tenho que parar de flertar com todo mundo, **vai que dá certo** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(37) [negativa] Eu não vou comentar nada sobre o jogo não, **vai que a Lumena não aprove** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Os resultados mostraram:

Gráfico 6 - Tipo de frase de *Vai que (S) V*
Tipo de frase de *Vai que (S) V*



Fonte: autoria própria.

Em 95,5% dos casos, a construção *Vai que (S) V* costuma acontecer em contextos de afirmação, dialogando com nossa hipótese de que *Vai que* funcionaria como argumento para o que o falante diz, isto é, justificção; ou como contraste, apresentando contraexpectativa sobre a situação anterior, aparecendo mais frequentemente antecedido de uma orção negativa (45 casos, equivalente à 15,9% dos dados). Essa contraexpectativa também aparece quando a negação é expressa na construção *[[Vai que] (S) V]*, visto que, nesses casos, a orção anterior encontra-se na afirmativa.

Dialogando com o fator anterior, mas agora observando a oração anterior, foi analisada a avaliação do falante em relação à situação em que ele está inserido ao empregar, posteriormente, *Vai que (S) V*, sendo elas: positiva, negativa e neutra, como em:

(38) [**positiva**] Enfim, sei que o comentário não é relacionado ao post mas queria agradecer por vc dividir essas decobertas com suas leitoras, eu ficava triste MESMO quando saia da manicure cheia de bolinhas! Obrigada Oi Dani!:) Espero que seu namorado pare de roer. Mostre a foto para ele, **vai que comove!** (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

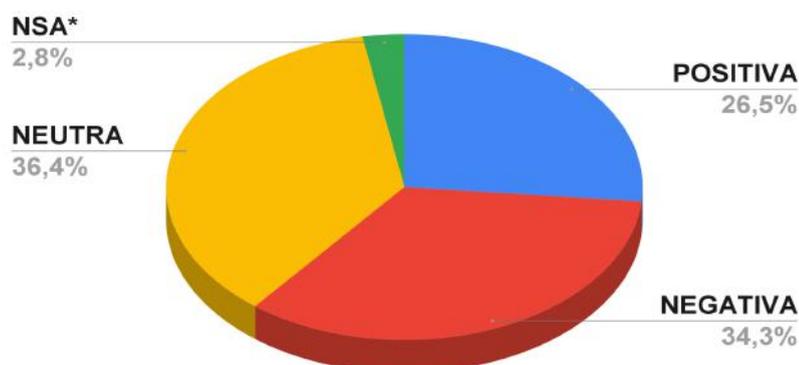
(39) [**negativa**] não vo fazer vestibular pra u/fsm **vai que eu passo** e tenho que morar em santa m4ria (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

(40) [**neutra**] Vic Hinzler, um amigo meu soropositivo, recentemente foi para os EUA e por orientação de seu médico, colocou todos os frascos juntamente com uma receita na mala e despachou e não teve problema algum. Só achei estranho ele despachar, eu colocaria na bagagem de mão também.. na mala **vai que extravia** né? (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

Em (38), o falante demonstra ter uma avaliação positiva da situação, uma vez que a pessoa – ao ler o relato de sua seguidora, que foi convencida – acredita que possa fazer o namorado de sua leitora parar de roer as unhas. O exemplo (39), por sua vez, mostra uma avaliação negativa, onde o locutor julga como ruim ir morar em Santa Maria, essa opinião é tão forte que nem mesmo ele irá prestar o vestibular pela mínima chance da mudança acontecer. Por fim, em (40) há neutralidade no julgamento do escritor da mensagem, contando um relato de um amigo e mostrando o que ela faria se estivesse naquele lugar.

Os resultados encontrados foram ilustrados abaixo:

Gráfico 7 - Avaliação do falante sobre a situação
Avaliação do falante sobre a situação



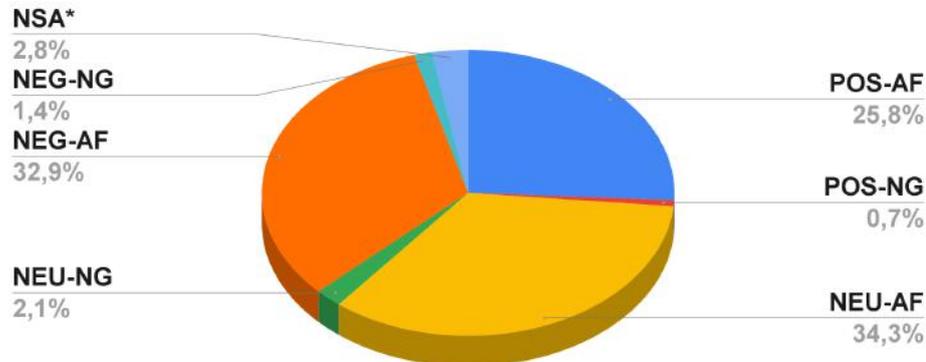
Fonte: autoria própria.

*NSA: Não se aplica.

Conforme mostrado no gráfico, 36,4% dos dados estão relacionados a avaliação neutra, 34,3% a negativa e a avaliação positiva se encontra como a menos ocorrida (26,5%). Tais resultados (em relação a avaliação neutra e positiva) eram esperados, uma vez que *Vai que* costuma aparecer retomando o que é dito anteriormente, tendo ligação com o caráter argumentativo, seja o argumento de valor justificativo (como nos casos da avaliação neutra), seja o que pode ter tanto valor de contraste, quanto justificação (positiva). Além disso, nos casos de avaliação negativa, é importante lembrar o que foi argumentado nesta seção a respeito do acontecimento da construção de forma contrastiva e disruptiva (geralmente seguido por um marcador de contraste, como *mas*, uma vez que a construção *vai que* apresenta majoritariamente uma visão positiva).

Para mostrar a relação entre os dois fatores mostrados acima, foi feito um gráfico para representar o cruzamento entre avaliação do falante e tipo de frase. Nosso objetivo foi analisar se ao saber o tipo de frase, a avaliação do falante sobre a situação seguiria na mesma direção.

Gráfico 8 - Cruzamento: Avaliação do Falante x Tipo de Frase
Cruzamento: Avaliação do Falante x Tipo de frase



Fonte: autoria própria.

*NSA: Não se aplica

Como pode-se observar, há uma diferença pequena entre os casos em que o tipo de frase é afirmativo, mas a avaliação é neutra (34,3%), em comparação com as frases afirmativas com avaliação negativa (32,9%), mostrando que nem sempre a avaliação do falante está ligada ao tipo de frase. Dessa forma, esse ponto de vista é ainda mais marcado quando se observa que há apenas 25,8% de ocorrências em que o tipo de frase é afirmativo e tem avaliação positiva, e menor ainda quando se vê o tipo de frase negativa com avaliação negativa (1,4%). Os resultados mostram que a avaliação do falante realmente não depende do tipo de frase, sendo assim os dois não se influenciam necessariamente.

Postura epistêmica

Por fim, o último fator controlado foi a postura epistêmica. Utilizou-se as mesmas nomenclaturas que no gráfico acima (positiva, negativa e neutra). Contudo, essas são correspondentes com as contempladas por Gomes e Monken (2011)²⁹, isto é, fato aceito (postura positiva), fato não-aceito (postura negativa) e fato incerto (postura neutra):

(41) [**positiva**] Outro truque usado por Rafaela é não checar o gabarito dos vestibulares antes da Fuvest. No da Unesp, que aconteceu no último domingo (17), ela ainda não sabe como foi. "Não conferi, **vai que desanima**", afirmou (*Corpus do Português*, 2023. grifo nosso).

(42) [**negativa**] Animando sozinha com o espelho como se aquela lá fosse outra pessoa (**vai que é**) (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

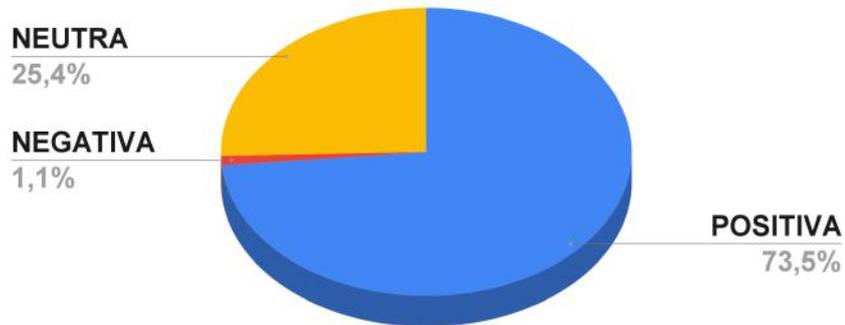
(43) [**neutra**] arrumei minha mala e tenho certeza que não vou usar nem 10% do que eu coloquei nela mas eu fico com aquele pensamento: **vai que eu preciso?** (*Twitter/X*, 2023. grifo nosso).

Começando por (41), o locutor assume o fato como aceito, pois Rafaela sabe que checar o gabarito pode afetar seu desempenho no momento de prestar o vestibular, por isso ela não o faz; essa postura é marcada também pelo uso do verbo no indicativo, modo ligado naturalmente a postura epistêmica positiva (Ferrari, 1999). Entretanto, em (42), apesar do modo indicativo, é possível considerar a postura como negativa pela impossibilidade da situação enunciada: não há ocasião em que um espelho reflita alguém diferente de quem está à sua frente; o interlocutor também sabe da impossibilidade, utilizando a ironia em seu discurso. Ainda, em (43), tem-se a postura epistêmica neutra, pois há uma hipótese levantada pelo falante que surge de seu desconhecimento (marcado pelo ponto de interrogação) sobre ser necessária a quantia de coisas que ele leva em sua bagagem; nesse caso, embora seja de conhecimento do locutor que ele leva coisas desnecessárias ele acredita que há uma possibilidade de precisar do conteúdo em sua mala.

O gráfico abaixo mostra os resultados obtidos:

²⁹ Para os autores, o fato aceito corresponde ao acontecimento considerado real (e não incerto) pelo falante; o fato não-aceito é relacionado a uma situação irreal (onde o locutor e interlocutor sabem que é imaginário) e o fato incerto é o que não é real no momento da enunciação, mas tem uma potencialidade ou a possibilidade de se tornar realidade no futuro (Gomes; Monken, 2011. p.131).

Gráfico 9 - Postura Epistêmica em *Vai que (S) V*
Postura epistêmica em Vai que (S) V

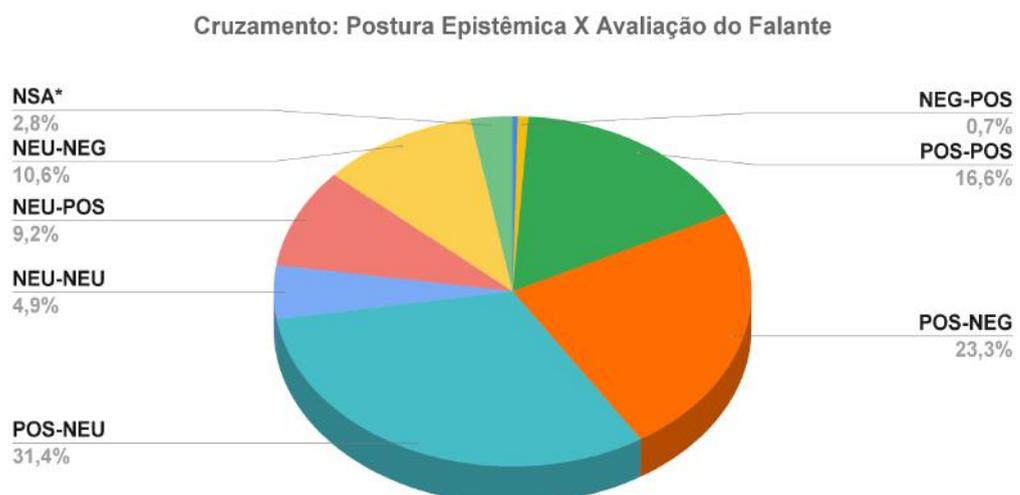


Fonte: autoria própria.

Como se vê, tem-se predominância das ocorrências com a postura epistêmica positiva (73,5%), seguido da neutra (25,4%) e, por fim, a negativa (1,1%). Esses resultados corroboram a hipótese de Ferrari (1999), utilizada neste trabalho, de que o modo verbal se relaciona diretamente com a postura epistêmica (embora não seja o único fator responsável). Outrossim, o número de posturas neutras também é relevante e, na perspectiva adotada neste escrito, isso ocorre por conta da semântica de *Vai que* (e conseqüentemente de *Vai que (S) V*), que apresenta sentido de possibilidade e/ou dúvida, podendo ser marcada por outros elementos anteriores a própria construção, como contexto de comunicação, marcadores de dúvida (*talvez, não sei, eu acho que*, entre outros) etc.

Relacionando os fatores postura epistêmica e avaliação do falante, foi feito outro gráfico para avaliar se o valor de contraste e/ou justificativa é mais marcado em determinados contextos e se esses dois fatores influenciam-se mutuamente. Os resultados apontaram para:

Gráfico 10 - Cruzamento: Postura Epistêmica x Avaliação do Falante

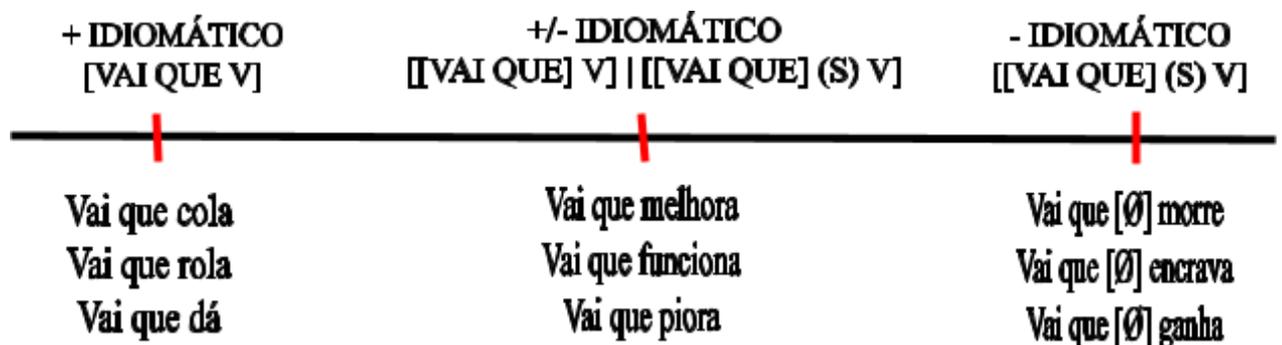


Fonte: autoria própria.
***NSA:** Não se aplica.
***Houve apenas um caso de NEG-NEG.**

Em 31,4% dos casos, a postura epistêmica positiva está ligada à avaliação neutra e em 23,3% à avaliação negativa, o que mostra justificativa e/ou contraste, diferentemente de quando tanto a postura quanto a avaliação são positivas, sendo esse o único caso que significa apenas justificativa. Além disso, nos casos em que a postura epistêmica é negativa (equivalente a apenas 1,0% do total, quando somados), independente de qual seja a avaliação do falante³⁰, *Vai que* sempre aparece – nos dados – como forma de justificativa ou contraste (principalmente contraste). Por sua vez, em relação à postura neutra, houve um número maior de avaliação negativa (10,6%), mas é uma diferença relativamente pequena para a positiva (9,2%); acreditamos que a preferência pela avaliação negativa se relaciona com o fato de a postura neutra estar mais ligada aos fatos incertos, como dito anteriormente. Ainda, cruzamos esse fator com os casos em que *Vai que* é contrastivo e/ou justificativo. Neste sentido, entendemos que a postura epistêmica influencia na avaliação do falante, uma vez que o uso de *Vai que* pode representar uma justificativa, um contraste ou ambos se encaixam (sendo adequado ao contexto) e, por isso, o falante utilizaria a construção a partir das suas crenças e da forma que ele quer que o seu discurso seja interpretado pelo interlocutor.

Enfim, os fatores controlados mostraram relevância significativa para a análise, tendo grande importância para a definição de *Vai que (S) V*, revelando os elementos que licenciam esse novo pareamento simbólico de forma-sentido. Dessa forma, por meio desta seção de investigação, foi possível postular que o subesquema [*Vai que V*] idiomático já é uma nova construção e cabe ser estudado de forma mais aprofundada. Na sincronia atual, podemos dizer que há um contínuo entre construções mais ou menos idiomatizadas, a saber:

Figura 1 - Graus de idiomaticidade entre [*Vai que (S) V*] e [*Vai que V*]



Fonte: autoria própria.

³⁰ Nesta análise não houve ocorrências de postura epistêmica negativa e avaliação neutra.

Na análise proposta neste trabalho, os fatores principais para argumentação de que *[Vai que V]* e *[[Vai que] (S) V]* são construções diferentes se encontram no percentual de utilização dos modos verbais e dos tipos de sujeitos que ambas as construções costumam dar preferência. Dessa forma, pode-se argumentar a favor da existência de graus de idiomatidade nas construções, sendo eles: (1) (+ *idiomático*), usando *[Vai que V]*, com os verbos no indicativo e com sujeito nulo indeterminado; (2) (+/- *idiomático*), podendo variar entre *[[Vai que] V]* e *[[Vai que] (S) V]*, com verbo no indicativo, sujeito nulo subentendido e outros verbos que ainda aceitam sujeito; (3) (- *idiomático*), sendo utilizado com *[[Vai que] (S) V]*, tendo uma maior variação de modo verbal e tipos de sujeito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o fenômeno *[[Vai que] (S) V]*, por meio da perspectiva adotada pela LFCU, que considera os fatores cognitivos de domínios geral para organizar a rede que possibilita o conhecimento linguístico. Neste sentido, a proposta construída neste escrito foi a de analisar os dados da construção *[[Vai que] (S) V]* de forma quali-quantitativa. Para isso, foram utilizados como *corpora* dados escritos presentes na plataforma *Corpus do Português* (aba Web/Dialetos e NOW) e na rede social *Twitter/X*.

A construção *[[Vai que] (S) V]* já está convencionalizada na língua, podendo ter função de operador argumentativo e/ou marcador epistêmico, além de trazer um significado hipotético, conectando-se ao domínio condicional, do ponto de vista semântico. Ainda, há outra construção licenciada por *Vai que*, sendo ela *[Vai que V]* com valor idiomático (demonstrados por meio dos exemplos de *Vai que cola, rola e dá*). Uma das características da construção é a manifestação das crenças e expectativas do falante, manifestando-se como protetor de face, além de criar projeção futura que licencia dois espaços mentais coexistentes (*Vai que sim* e *Vai que não*).

Sob o olhar dos dados apresentados e analisados neste trabalho, pode-se afirmar a favor de *[[Vai que] (S) V]* como nova construção, independente sintaticamente, que estabelece sentido epistêmico não-asseverativo de possibilidade ou dúvida, a depender das intenções do falante, bem como da compreensão sociocomunicativa entre ele e o interlocutor. Da mesma forma ocorre com *[Vai que V]*, porém apaga-se a marcação de sujeito. Quando o falante utiliza essa construção, geralmente ela aparece em posição intrafrásica, no fim de uma sentença, recuperando o sentido anterior e criando uma projeção, com sujeito nulo indeterminado quando o falante quer maior imparcialidade à situação.

É importante frisar que – por se tratar de uma construção pouco explorada em pesquisas linguísticas – é necessário que mais estudos sejam feitos sobre essa construção tão rica no PB, para que outras hipóteses defendidas neste escrito sejam confirmadas (ou refutadas), além das que já foram. Por fim, é esperado que este trabalho possa ser relevante e importante, tanto para o fortalecimento das pesquisas funcionais quanto nas análises da construção *Vai que* no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. A. da S. **Construções Gramaticais com Ir no Português Brasileiro Contemporâneo**. Natal: Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, 2017, p.1-118.
- ANDRADE, M. A. da S. O uso das construções vai ver e vai que no discurso. *In: Jornada Nacional Do Grupo De Estudos Linguísticos Do Nordeste*, 14., 2012, Natal. **Anais [...]**. Natal: GELNE/UFRN, 2012.
- ANDRADE, M. A. da S. Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas vai ver e vai que. *In: Congresso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina*, 17., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ALFAL, 2014.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- BYBEE, J. The emergent lexicon. **The Panels**. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1998. p. 421-435.
- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: A Usage-based Conception of Language. *In: BARLOW, M.; KEMMER, S. Usage Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 20-40.
- CEZARIO, M.M, *et al.* **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro, Brasil: MAUAD Editora Ltda., 2013.
- CEZARIO, M. M.; CAMPOS, J. L.; SANTOS, M. P. K. Construções em competição: Fenômenos Revisitados. *In: FURTADO DA CUNHA, M.A; BISPO, E. B; Edvaldo Baduíno Bispo; SILVA, J. R. (Org.). Variação e mudança em perspectiva funcional*. 1. ed. Natal: UFRN, 2018, v. 1, p. 137-166.
- CUMÁN, R. R. MARQUES, P. M. Deu Muito Certo: Uma Análise De Algumas Microconstruções Do Subesquema [Dar Aa] No Português Brasileiro Atual. Rio de Janeiro: **e-escrita**, 2022.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with if, since, and because: Causality, epistemic stance, and clause order. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (org.). **Cause, Condition, Concession, Contrast**. Berlim & Nova York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 111-142.

DIESSEL, H. Demonstratives, frames of reference, and semantic universals of space. *Lang. Linguist. Compass* **8**, 2014, p.116–132. DOI: 10.1111/lnc3.12066.

DIESEL, H. Usage-based linguistics. *In*: Mark Aronoff (ed.), **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. Nova York: Oxford University Press, 2017.

ELY, L ; CEZARIO, M. M. Vai que e a condicionalidade: uma análise baseada no uso. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.13, n.1, e.2579, 2023a, p.245-264. Jan-Abr./2023. DOI: 10.22168/2237-6321-12579.

ELY, L. CEZARIO, M. M. Vai que e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLIN, Rio de Janeiro, n.45, 2023b, p.152-168. Jan-Abr./2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73443>

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

FAUCONNIER, G. TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. Nova York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. V. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 3, n. 1, 1999.

FERRARI, L. V. Gramática de Construções. *In*: FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 129-145.

FERRARI, L. V. Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 117-140, Jan-Jun./ 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.117-140>. Acesso em 9 ago. 2023.

FILLMORE, C. C. Topics in Lexical Semantics. *In*: ROGER. W. C. (ed.) **Current Issues in Linguistic Theory**. Bloomington e Londres: Indiana University Press, 1977.

FURTADO DA CUNHA, M. OLIVEIRA, M. R & MARTELOTTA, M. E. (orgs.). 2003. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj. ISBN 85-7490-240-3. 140 p.

FURTADO DA CUNHA, M. A; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 53–78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 4 set. 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, São Paulo, v.67, e15041, 2023.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOMES, G.; MONKEN, P. M. Postura epistêmica e parafraseabilidade diferencial em condicionais. **Rev. Est. Ling.** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 127-140, jul./dez. 2011.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburg: Edinburgh Textbooks on the English, 2014.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Leiden: Brill, 2021.

HIRATA-VALE, B. M. F; PERES DE OLIVEIRA, T; DA SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 2, p. p. 25 – 41, 2017. DOI: 10.21680/1983-2435.2017v2n0ID12988. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12988>. Acesso em: 6 jan. 2024.

HOPPER, P. J. TRAUOGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. ‘Vai que eu engravidado de novo?’: gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, 2010.

- MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 30-50.
- NEVES, M. M. H. **Gramática de usos do português**. 2ed. São Paulo. Editora: UNESP, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- PELOSI, A. C., FELTES, H. P. M., FARIAS, E. M. P. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. 2 ed. Caxias do Sul, Brasil: EDUCS, 2014.
- RODRIGUES, V. V.; BARONI, G. do C. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 2. nov. 2023.
- SCHMID, H. Symbolic Association. In: SCHMID, H. **The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization and Entrenchment**. Nova York: Oxford University Press, 2020. p. 68-71.
- SCHWENTER, A. S. Viewpoints and polysemy: Linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (org.). **Cause, Condition, Concession, Contrast**. Berlim & Nova York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 257-281.
- SWEETSER, E. & FAUCONNIER, G. **Spaces, Worlds, and Grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- TOMASELLO, M. “The new psychology of language”. **Syntactic construction as prototype categories**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.
- TRAUGOTT, E. C. “Exaptation and grammaticalization”. In: AKIMOTO, M. **Linguistics studies based on corpora**. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing Company, 2004.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.